



NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS DO SÍTIO SANTANA, BARBALHA- CE: UMA BREVE HISTÓRIA DO LUGAR ATRAVÉS DOS MAPAS

Ana Clara Silvino Silva¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Raiza Maria Alves Bezerra²

UniJuazeiro - Centro Universitário de Juazeiro do Norte

Anael Ribeiro Soares³

Secretaria de Educação do Estado do Ceará

Cassio Expedito Galdino Pereira⁴

Universidade Federal do Pernambuco

Resumo

Sítio Santana, comunidade situada na zona rural do município de Barbalha, Ceará, possui uma dinâmica sócio-espacial histórica, com muitos saberes e fazeres. No entanto, pela intervenção da lógica capitalista, especialmente pela transição da monocultura da cana-de-açúcar para a banana, a comunidade vem perdendo sua história e identidade territorial. Nesse sentido, o presente trabalho busca mostrar essas histórias e problemáticas sócio-espaciais a partir de mapeamentos produzidos com lideranças da comunidade. Para tanto, por meio de levantamento bibliográfico, documental e trabalho de campo, foi possível esboçar as principais questões que perpassaram e permanecem no sítio Santana. Esse breve histórico feito a partir dos mapeamentos possibilita conhecer a gênese, as lutas e as resistências para a (re)organização comunitária do lugar.

Palavras-chave: Mapeamentos; comunidade; resistências.

¹ Estudante do curso de Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). E-mail: silvino.clara13@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5025-934X>.

² Estudante do curso de Direito pela UniJuazeiro - Centro Universitário de Juazeiro do Norte. E-mail: iza123vip@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2486-9504>.

³ Possui graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) na área de Geografia Urbana. Professor da Rede Pública de Ensino do Estado do Ceará, lotado na EEMTI Almiro da Cruz. E-mail: anael.rs@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7546-3136>.

⁴ Graduado em Licenciatura em Geografia pela URCA. Mestre em Geografia Humana pela USP. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo) da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE). Professor Temporário do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da URCA. Vice-líder do grupo de pesquisa CNPq Imago - Pesquisa em Cultura Visual, Espaço, Memória e Ensino, vinculado a URCA. E-mail: cassio.expedito@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0987-6258>.

CARTOGRAPHIC NARRATIVES OF SÍTIO SANTANA, BARBALHA-CE: A HISTORY OF THE PLACE THROUGH MAPS

Abstract.

Sítio Santana, a community located in the rural area of the municipality of Barbalha, Ceará, has a historical socio-spatial dynamics, with a lot of knowledge and practices. However, due to the intervention of capitalist logic, especially the transition from sugarcane to banana monoculture, the community has been losing its history and territorial identity. In this sense, the present work seeks to show these stories and socio-spatial problems from mapping produced with community leaders. Therefore, through a bibliographic, documentary and fieldwork survey, it was possible to outline the main issues that permeated and remain in the Santana site. This brief history made from the mappings makes it possible to know the genesis, the struggles and the resistances for the community (re)organization of the place.

Keywords: Mappings; community; resistances.

NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS DEL SITIO SANTANA, BARBALHA-CE: UNA BREVE HISTORIA DEL LUGAR A TRAVÉS DE LOS MAPAS

Resumen.

Sítio Santana, una comunidad ubicada en la zona rural del municipio de Barbalha, Ceará, tiene una dinámica socioespacial histórica, con muchos saberes y prácticas. Sin embargo, por la intervención de la lógica capitalista, especialmente por la transición del monocultivo de la caña de azúcar al banano, la comunidad ha ido perdiendo su historia e identidad territorial. En ese sentido, el presente trabajo busca mostrar estas historias y problemáticas socioespaciales a partir de mapeos producidos con líderes comunitarios. Para ello, a través de un levantamiento bibliográfico y documental y un trabajo de campo, fue posible esbozar las principales problemáticas que permearon y permanecen en el sitio de Santana. Esta breve historia realizada a partir de los mapeos permite conocer la génesis, las luchas y las resistencias frente a la (re)organización comunitaria del lugar.

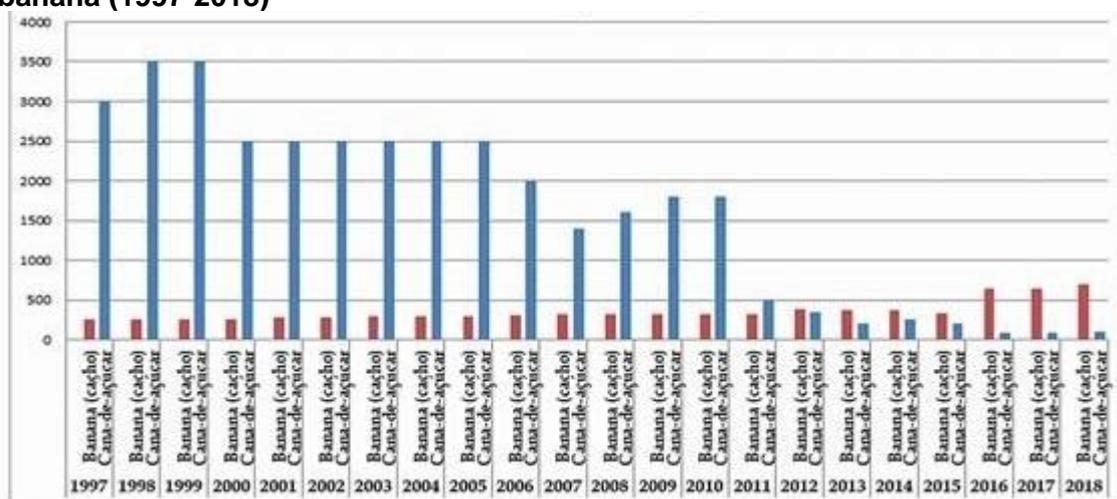
Palabras clave: Mapeos; comunidad; resistencias.

Aproximações

O Cariri Cearense diferencia-se do seu entorno imediato em razão de suas condições ambientais privilegiadas, já muito destacadas por pesquisadores locais. Graças a tais condições ambientais, no “(...) Cariri cearense, o surgimento dos primeiros engenhos e alambiques que utilizavam como matéria-prima a cana-de-açúcar para a fabricação de rapadura e aguardente data da segunda metade do século XVIII” (GONÇALVES, 2011, p.42).

Apesar da decadência entre os séculos XIX ao XXI, a cultura canvieira se manteve de forma significativa no município de Barbalha, não mais necessariamente voltada para produção de aguardente e rapadura, pelo menos até a primeira década desse século. Nesse período, observa-se uma queda expressiva na produção de cana-de-açúcar no município ao passo em que cresce a produção de banana (Gráfico 1).

Figura 1 – Barbalha-CE: Comparativo entre a produção de cana-de-açúcar e banana (1997-2018)



Fonte: IBGE, 2010.

Sob a influência de duas empresas pioneiras (Paraíso Verde e Sítio Barreiras), no início desse século, os agricultores começam a plantar banana, fruta típica de países de clima tropical. Somente em 2008 o Brasil se destacou como o quarto maior produtor da fruta, sendo a região nordeste a que mais produz no país. O Ceará é um dos grandes destaques nessa produção e a

região localizada entre os municípios de Barbalha e Missão Velha ocupou em 2015 a 8º posição no ranking nacional na produção de bananas (CASTRO, 2008).

Essa produção tem aumentado cada vez mais e impactado a vida dos moradores da região, dentre os quais, estão os moradores do Sítio Santana. O processo em curso trouxe consigo uma ameaça de desconstrução histórico-social-cultural, fazendo termos uma iminência de perda sobre a identidade com todos os saberes e fazeres da comunidade. Partindo dessa conjectura, nosso objetivo geral foi mapear a comunidade do sítio Santana, em Barbalha-CE, destacando a transição da economia canavieira para a monocultura da banana, identificando as histórias e problemáticas sócio-espaciais como forma de fortalecer a organização, as lutas e as resistências da auto-organização comunitária do lugar. Para isso, identificamos e mapeamos com a comunidade as principais transformações existentes.

Temos a expectativa de que esse estudo possa contribuir para os mais jovens se apropriarem da história do lugar de maneira que possam tomar conhecimento das reivindicações, das conquistas coletivas, da origem dos seus antepassados, mas também dos problemas que decorrem de processos históricos de atividades econômicas que atingem o lugar no tempo presente, seja do ponto de vista socioambiental, seja em se tratando de impactos socioeconômicos em si.

Devido ao aspecto metodológico do projeto⁵, temos procurado ainda aproximar a comunidade escolar com os moradores, sendo que esses são participantes não só com os relatos que oferecem, mas também na produção cartográfica. Trata-se então de um estudo de caráter comunitário, envolvendo os jovens pesquisadores com os moradores da comunidade, fortalecendo o vínculo entre a teoria científica e os saberes locais.

⁵ Este projeto é fruto de financiamento de bolsas de Iniciação Científica de Ensino Médio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/Universidade Regional do Cariri (URCA) no período de 2020-2022 e parceria E.E.M.T.I. Almiro da Cruz.

Mapeamentos e comunidade

Nas últimas décadas há dois movimentos em cursos que vem transformando os olhares e abordagens das ciências sociais e humanas, sendo estes o da virada espacial e o da virada visual (HOLLMAN, FONSECA, 2019). Hollman e Fonseca (2019) mostra que esses movimentos têm provocado na cartografia um sentido de se questionar a produção e circulação da geografia do fenômeno, tentando aproximar da sua realidade social, trazendo novas abordagens, como a cartografia social. Isso colocou em xeque o debate da neutralidade, cientificidade e objetividade das imagens cartográficas, pois não se desnuda as histórias dos espaços que há por detrás (HARLEY, 2005; WOOD, 2010).

Harley (2005) deixou ciente a necessidade de escaparmos de modelos normativos colocado pelas forças sociais para estruturar a cartografia para os interesses da elite. Nesse sentido, Besse (2008) relata o papel do projeto desconstrucionista da metodologia proposta pela Nova História da Cartografia para termos entendimento de três pontos das imagens cartográficas: a inexatidão por natureza; o papel como instrumento de poder; é uma operação retórica. O referido autor considera que a cartografia é um instrumento com intenções políticas para produzir e circular efeitos de poder na sociedade e na cultura.

Kitchin, Gleeson e Dogde (2013) colocam a cartografia clássica como um conjunto de conhecimentos particular ao ser, forjando uma ontologia inquestionável de como o espaço deve ser medido e representado. Conforme Lévy (2008), a cartografia possui lócus na sua produção dentro da sociedade, pois ela se comunica trazendo conhecimentos, vida cotidiana, relações políticas, econômicas, tecnológicas.

Tendo uma dupla espacialidade, linguagem e referente, as imagens cartográficas oficiais provocam ordenamento do território para marginalizar a liberdade em favor do estatístico, de cenários sociais prontos e acabados, governança e políticas prospectiva e de cidadania aos moldes que os políticos

consideram (LÉVY, 2008). Harley (2005) já havia denunciado esse controle do espaço pela cartografia, pois elas promoveram o poder da elite no espaço e os sistemas sociais simbolizados por uma expressão geográfica.

Acselrad (2010) aponta que as imagens cartográficas oficiais, criada no seio da modernidade, são difundidas em nossas vidas sociais e, portanto, não nos possibilita trazer as histórias e vivências de povos e comunidades minoritárias. Isso se deve pela exclusão que a Cartografia Moderna fez de toda produção que não estivesse em conformidade com as convenções e elementos que foram estabelecidos como necessários pelos cartógrafos especializados. Assim, a cartografia deixou de ser objeto de conhecimento do espaço pelos povos para se tornar um instrumento de dominação dos governos e de apreciação de especialistas.

Latour (2016) nos traz a concepção que da ciência da elite por si só não produz bons instrumentos para ver a complexidade do mundo real. A realidade é envolvida por contextos físicos, sociais, políticos, econômicos e culturais, sendo transformada constantemente por projetos de mundo. O projeto que se consolida na ciência é o da elite do capitalismo, centrada em apagar as epistemologias dos saberes e fazeres dos povos e comunidades minoritários (SANTOS, 2014). Dessa maneira, Seemann (2013) relata a urgência de pensarmos a relação entre sociedade e imagens cartográficas para promover as histórias e geografias do fenômeno. Segundo o autor, somente dessa maneira poderemos trazer transformações na realidade, usando este para ouvir outras vozes, especialmente aquelas historicamente marginalizadas, silenciadas, negligenciadas e esquecidas (PARKER, 2006).

Ao se tomar esse posicionamento buscamos uma cartografia crítica, indisciplinada (CRAMPTON e KRYGIER, 2008). Nesse ponto queremos não somente os mapas alternativo não significa só colocar o nome social/humano nas discussões, mas repensar os mapas e mapeamentos inseridos em contextos relacionais se desdobram nas práticas eventuais, habituais, lúdicas e racionais (KITCHIN, GLEESON e DOGDE, 2013). Kitchin, Gleeson e Dogde (2013) consideram que devemos repensar os modos de (re)produzir os mapas,

entendendo a heterogeneidade técnica, social, corporal, estética, poética e política, tendo uma apreensão processual do mapeamento.

Assim sendo, não devemos ver os mapas como produtos, mas considera-los como processos que se criam constantemente através das práticas culturais e as quais devemos entender (KITCHIN, PERKINS e DOGDE, 2009). Esses autores colocam que devemos notar as performances e ortogêneses das imagens cartográficas, enfatizando as ações e não centrar apenas na representação. É preciso empregar a construção de mapas para todos e um passo para isso é construir imagens cartográficas de forma participativa, como traz Hiernaux-Nicolas (2006). Esse procedimento vem empoderando sujeitos sociais que não detém da hegemonia política, econômica, social ou cultural para narrar suas histórias, fortalecendo suas lutas e resistências pelo espaço (HIERNAUX-NICOLAS, 2006).

Assim, Acselrad e Viégas (2013, p. 17) define que a cartografia social deve ser “entendida como a apropriação de técnicas e modos de representação cartográficos modernos por grupos sociais historicamente excluídos dos processos de tomada de decisão”. Essa abordagem cartográfica nos ajuda a resgatar e fortalecer a identidade e lutas das comunidades da região do Cariri. Essa região, situada “na sub-bacia sedimentar do Araripe apresenta aspectos diferenciados do sertão circundante” (MENEZES, 2007, p. 341), tendo clima ameno e fontes de água potável.

Sobre isso, Souza (2007) afirma que diferente das outras regiões da então capitania, que tiveram sua efetiva colonização a partir da pecuária, o povoamento do sul do Ceará aconteceu pelo cultivo de cana-de-açúcar e agricultura de subsistência. Para Souza (2007, p. 17), esses primeiros:

(...) povoadores buscavam jazidas de metais preciosos (ouro e prata), mas não as encontrando dedicavam-se à agricultura. As primeiras sesmarias caririenses datam do início do século XVIII, embora alguns estudiosos se reportem à existência de colonos de origem baiana no sul do Ceará antes desse período, dando origem às vilas do Crato e Jardim.

Nas palavras de Irffi e Cortez (2020, p. 2), a “presença de canaviais verdes, engenhos de cana-de-açúcar, e fazendas para criação de gado, existentes muito em função das fontes de água potável que brotavam no sopé da Serra do Araripe”, além do clima, construiu um discurso que exalta a natureza e uma expectativa econômica prospera para a região. Irffi e Cortez (2020, p. 4) também destacam que o Cariri, como uma região de produção agrícola e de engenhos para abastecer o mercado local, foi organizada pela:

(...) classe dominante, formada por proprietários de terras, políticos e intelectuais locais – que, via de regra, eram também senhores de sítios –, e outra classe, a despossuída, formada por escravizados (até 1884), livres e libertos – os camponeses, em geral”.

Há explicitamente o processo de espoliação das terras no Cariri. Nesse sentido, comunidades camponesas tornam-se mercê dos interesses dos donos das terras, trabalhando de sujeição ou sendo pilhado das suas riquezas, histórias e terras, como acontece em Barbalha (PEREIRA, 2019).

Vale destacar que a formação territorial de Barbalha foi postulada pela centralidade da cana-de-açúcar, fazendo ser um dos municípios mais próspero (BESERRA, 2007). Conforme Beserra (2007), mesmo com a política de industrialização da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), sendo o Cariri escolhido a implementação do projeto Asimow⁶, Barbalha continua centrada na produção agrícola para o mercado. Para Beserra (2007), somente com a decadência do mercado da cana-de-açúcar em 1990, Barbalha busca outras atividades econômicas, advindas pela reestruturação do capital no Ceará, sendo essas ligadas aos setores de comércio e serviço. Assim, são deixadas de lado as atividades ligadas as questões agrícolas e agroindústrias (PEREIRA, 2019).

Essa mudança faz camponeses e camponesas que trabalhavam com o cultivo de cana-de-açúcar no município busquem a vida em outras atividades, bem como as comunidades tradicionais sofrem desigualdades sociais,

⁶ Projeto idealizado por Morris Asimow, feito pelo convênio da Universidade de Califórnia (UCLA) e Universidade Federal do Ceará (UFC), para o processo de industrialização de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

migrações internas e sazonais, conflitos e processos de resistências, como é o caso do sítio Santana. Isso se agrava a partir do início desse século com a chegada das empresas agrícolas Sítio Barreiras e Paraíso Verde passaram a produzir banana (CASTRO, 2018), primeiro em Missão Velha, depois em Barbalha, em direção ao sítio Santana. Isso, por um lado, aprofundou a decadência da produção canavieira, mas por outro criou uma nova dinâmica que favorece o agronegócio. Em outras palavras, o sítio Santana está enfrentando o processo expansionista das empresas do agronegócio da banana, que vem substituindo a produção canavieira desde o início desse século.

Essa reestruturação produtiva no campo vem sendo gerida pela Agência de Desenvolvimento do Estado do Ceará (ADECE) para atender aos interesses dos empresários, ou seja, o capital (CASTRO, 2018). A banana que é produzida ali vai ser comercializada para outros estados, sendo que a comunidade do entorno e a região fica com os prejuízos, dentre os quais: culturas de subsistência sendo deixada de lado para plantar banana; especulação das terras, fazendo camponesas e camponeses venderem suas terras em busca de outras atividades, bem como conflitos pelo acesso à água (CASTRO, 2018).

Assim, a atual expansão do capital frente à demanda tecnológica global, incorporando novos espaços, tem contado com a atuação do Estado através de políticas públicas que têm estruturado territórios em benefício do mercado em vez da população. Por esse motivo, há uma perda das histórias, saberes e fazeres espaciais dessas comunidades, fazendo os mais jovens desconhecem as origens e processos históricos-sociais-culturais que constituem o sítio Santana. Dessa maneira, essa iniciativa busca espacializar em mapeamentos feito com a comunidade as histórias e dilemas da comunidade.

Metodologia

Para alcançarmos os objetivos propostos construímos uma metodologia de pesquisa-ação onde as pessoas envolvidas nos lançam o problema, o qual relaciona-se com a origem e a identidade do lugar, mas também colabora para alcançarmos nossos objetivos. Nesse caso, isso se dá através da elaboração dos mapas, de forma coletiva. Por esse procedimento metodológico adotado, tivemos de buscar interações com moradores utilizando intermediários, isto é, contando com a participação de alunos e egressos que são moradores da comunidade.

O primeiro passo da pesquisa foi o levantamento documental, cujo resultado revelou uma escassez de dados oficiais sobre a comunidade, mas alguns arquivos pessoais com lideranças da comunidade. Ao mesmo tempo, buscamos fazer o levantamento de estudos acerca da formação do município de Barbalha, atrelada a dinâmica da economia canavieira, mas também sobre a cartografia social. Em seguida, agendamos visitas para, num primeiro momento, dialogar com lideranças da comunidade sobre o projeto e o processo histórico e organizacional das comunidades.

Após algumas visitas, sempre contando com a ajuda dos intermediários, partimos para as entrevistas com essas pessoas⁷ (figura 1) para produção de mapeamentos e registros da história da comunidade. Nosso intuito foi ouvir os moradores, estabelecendo algumas perguntas norteadoras, sobre a origem da comunidade, a economia canavieira, o advento da monocultura da banana, destacando os impactos no decorrer de tantas mudanças. Durante as narrativas, quando algum ponto (engenho, por exemplo) era mencionado, solicitávamos que o morador identificasse esse ponto elaborando um mapa.

⁷ Para preservar os nomes das pessoas foram adotadas letras ao se referir a pessoa entrevistada. Destaca-se que foi assinado o termo de consentimento para participação da pesquisa.

Figura 1 - Localização dos entrevistados do Sítio Santana, Barbalha-CE.



Fonte: Autores (2020).

Todo este processo metodológico foi anotado em diário de bordo como também fotografado e gravado com consentimentos dos colaboradores, sendo recolhido tudo ao final para facilitar o retorno posterior à comunidade, apresentando, compartilhando e discutindo os resultados.

Breves histórias espaciais do sítio Santana

O ato de mapear para narrar as histórias espaciais do Sítio Santana coloca em evidência a formação desse território. Na visão da comunidade, essas terras que compõe atualmente o sítio Santana foram desmembradas de propriedades que pertenciam a quatro famílias que tinham engenhos de cana-de-açúcar. Até a década de 1960, este local chamava-se Cruz das Almas, pois havia um cemitério comunitário onde se enterrava pessoas do entorno.

Nos relatos, os moradores mais antigos indicam que durante a década de 1970 a comunidade foi sendo ocupada, sendo a agricultura de subsistência e o cultivo de cana-de-açúcar atividades geradoras da comunidade. As famílias produziam nas terras e também as arrendavam, atraindo pessoas de outras

localidades, as quais foram se fixando na comunidade. Praticavam a policultura com arroz, feijão, milho, mandioca e algodão, especialmente nos baixios.

Entretanto, o que mais se destacava eram as plantações de cana-de-açúcar, como pode-se ver na figura 2. Diferentemente das outras culturas, que atendiam as necessidades de subsistência, a cana-de-açúcar atendia as demandas dos engenhos. Nas memórias os moradores antigos, constam ao menos três engenhos que funcionavam no interior da comunidade produzindo rapadura. Um deles situava-se exatamente onde hoje encontra-se a EEMTI Almiro da Cruz, outro logo em frente, onde atualmente há uma casa.

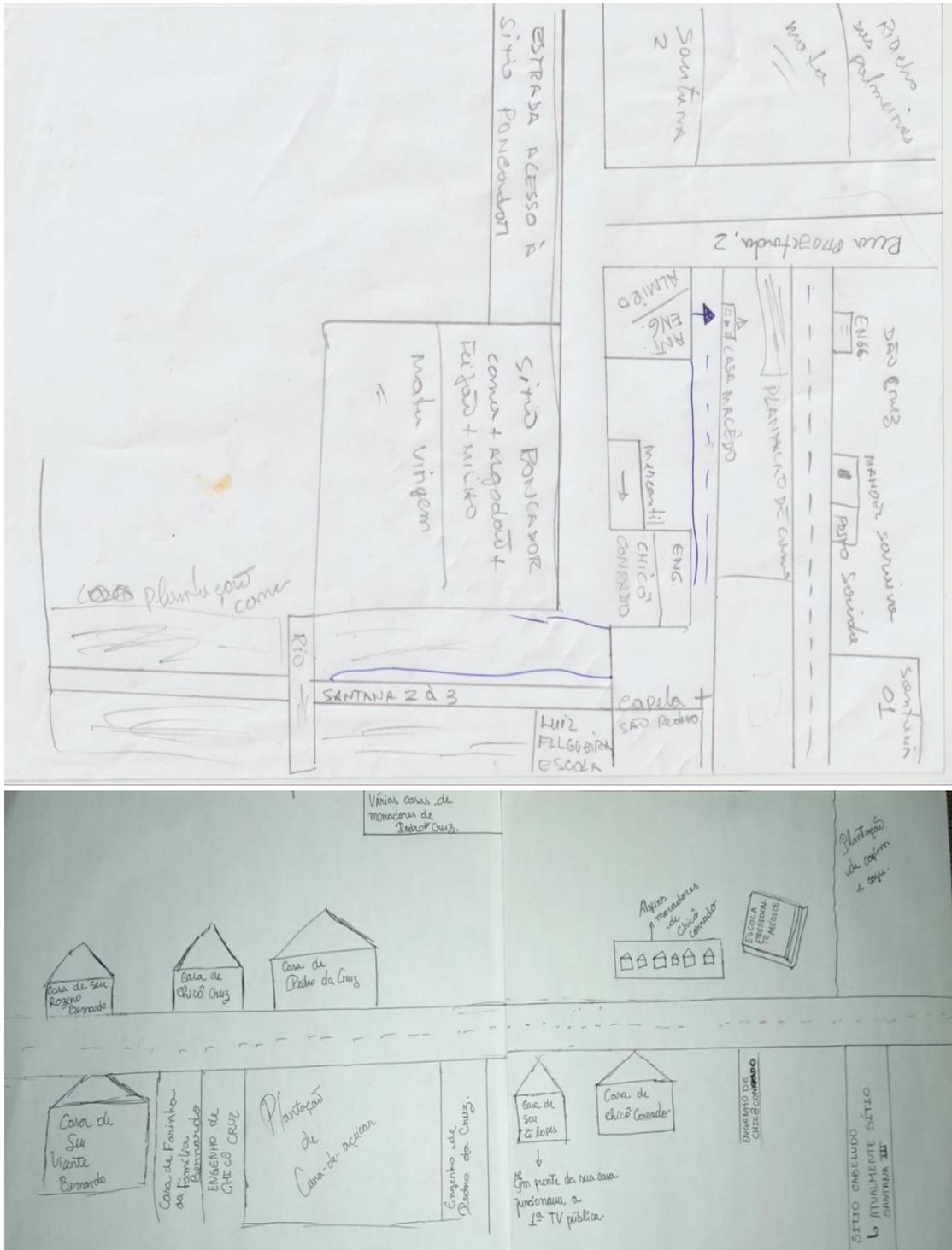
Durante a década de 1970, como reflexo no choque do petróleo a nível mundial, o governo brasileiro lançou mão do ProAlcool⁸. Esse novo programa energético levou a decadência da produção e comercialização de aguardente e rapadura no Cariri Cearense, sobretudo após o monopólio da usina agroindustrial Manoel Costa Filho, inaugurada em 1976, advinda do projeto Asimow, que atuou no sentido de adquirir a produção canavieira para produção de álcool (GONÇALVES, 2011). No entanto, de acordo com a pessoa entrevistada B, antigo morador, a partir década de 1980 em diante “os engenhos estavam perdendo as forças por causa da usina (Costa Filho)”.

Assim, a agroindustrialização da cana-de-açúcar fez com que os engenhos de outrora começassem a desaparecer do município. Ao mesmo tempo, esse processo começou a trazer especulação de terras e desmembramentos de latifúndios em minifúndios⁹ para virarem casas de veraneios. Nisso, houve um adensamento da comunidade, fazendo com que os antigos moradores buscassem se mobilizar no sentido de reivindicar junto ao poder público equipamentos, obras e políticas públicas.

⁸ Consistia em um projeto do governo brasileiro de incentivar, através de incentivos fiscais e empréstimos, a produção de álcool como forma de substituir a gasolina. Para isso, não só passou a adquirir a produção açucareira para produção de álcool, como também passou a desestimular, no caso do Cariri, a produção de rapadura, sucateando os engenhos tradicionais da região. Assim, o monopólio do mercado açucareiro, de 1976 em diante, passou a ser exercido pela Usina Costa Filho, criada instalada pelo governo do estado do Ceará em Barbalha.

⁹ Em sua maioria sendo terras de heranças que são divididas entre a família.

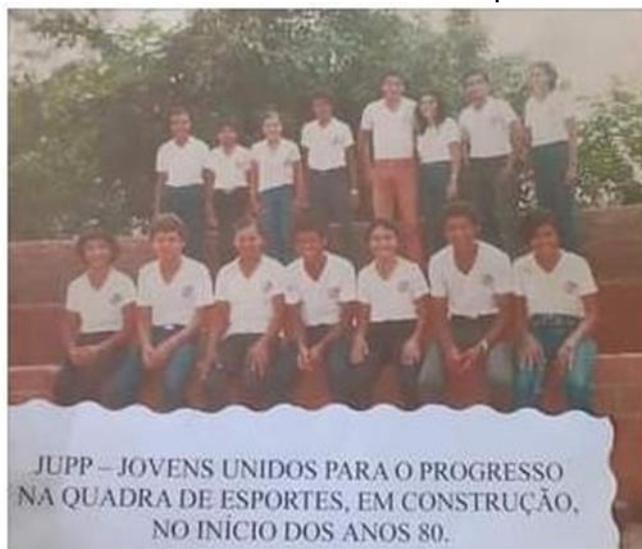
Figura 2 – Mapas participativos da comunidade do Sítio Santana elaborado pelas pessoas entrevistadas B e D.



Fonte: Autores (2020)

Tais reivindicações serviam de estratégias para melhorias de vida das pessoas, que estavam assoladas por não ter direitos básicos, como saúde, educação, lazer, transporte, segurança, etc. Com isso, no início de 1980 surge um grupo de jovens católicos que vão organizar essas reivindicações, intitulados de JUPP – Jovens Unidos para o Progresso. Isso é retratado na fala da entrevistada E, ao qual afirma que o grupo de jovens da comunidade tinha “(...) um ideal de trabalhar por uma juventude mais consciente e dinâmica e uma comunidade mais desenvolvida e humana”. Graças ao grupo (Figura 3), a comunidade foi beneficiada com a rede elétrica de baixa tensão, a primeira escola pública, a construção da capela, da quadra de esportes, referenciais esses que se destacam nos mapeamentos (figura 2 e figura 4).

Figura 3 – Foto do JUPP: Jovens Unidos para o Progresso.

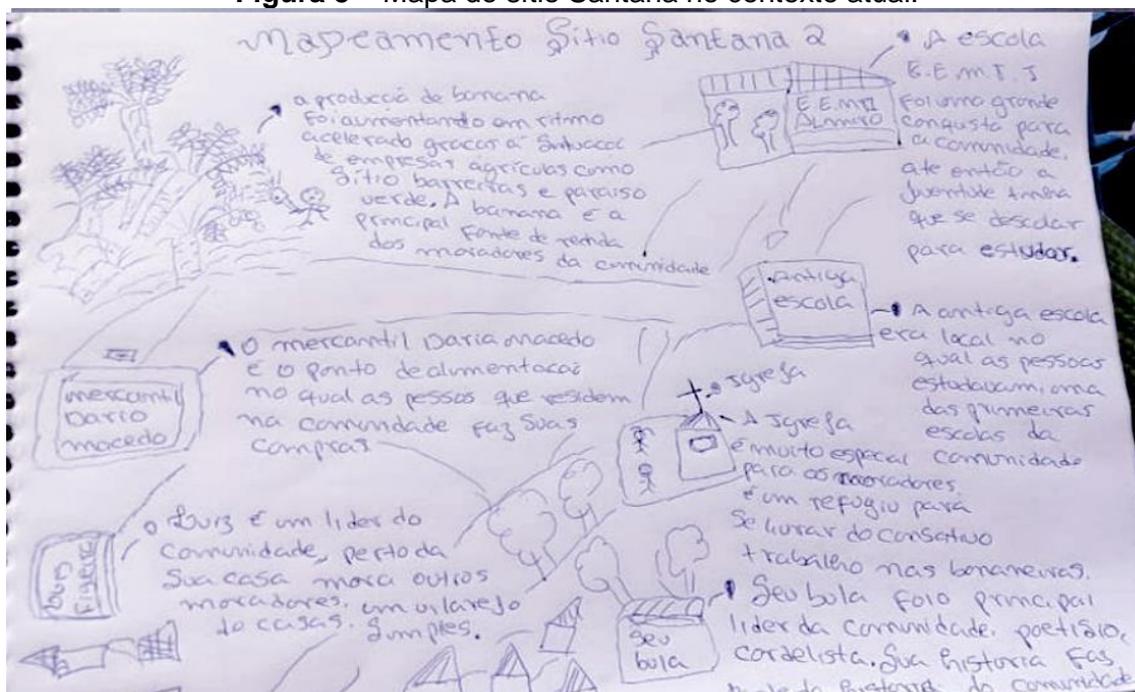


Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada E (2020)

No mapa elaborado pela pessoa entrevistada C (figura 4), esses referenciais espaciais do JUPP estão contidos, fazendo parte do imaginário dos moradores mais antigos, os quais tem consciência de que a mobilização junto com os jovens foi essencial para o exercício de uma política em prol do desenvolvimento coletivo da comunidade. Mesmo só tendo os vestígios da primeira escola, bem como havendo modificações nas infraestruturas das outra escola, quadra e igreja (destaques em vermelho da figura 4), são locais com

A partir dessas constatações, produzimos um mapa com base nas narrativas das pessoas entrevistadas, destacando a nova dinâmica econômica representada pela monocultura da banana, mas sem deixar de evidenciar as permanências (capela, escola) ao longo do tempo. No entanto, é visível que a dinâmica da vida na agricultura está quase escassa na comunidade, sendo que a maioria das pessoas estão trabalhando nas atividades dos setores de comércio e serviços, sendo exposto no mapeamento atual (figura 5).

Figura 5 – Mapa do sítio Santana no contexto atual.



Fonte: Autores (2021)

Dessa forma, o sítio Santana vem se transformando (figura 5), tendo como dinâmica atual a presença da monocultura da banana, que vem eliminando a policultura agrícola. Além disso, a pouca renovação no quadro da juventude que pensa sobre esses efeitos em sua localidade. De tal forma, como aponta as pessoas entrevistadas, registrar e mapear essas histórias da comunidade pode nos colocar a pensar sobre o que é o sítio Santana e o que queremos que ele seja no futuro.

Considerações finais

A casa de um morador já falecido, conhecido por seu Bula, está presente nos mapas elaborados. Trata-se de um agricultor que cultivava sua roça, mas também sua poesia e seus cordéis. Em um dos seus versos, tratando justamente da origem de sua comunidade, escreve o poeta-agricultor:

Chovia com abundância
Vivia-se da agricultura
Na colheita era fartura
O povo tinha sustância
Acordava muito cedo
Para trabalhar sem medo
Espelhando a semente
Desde o nascer a autora
A Santana antigamente
Não era como é agora
(Trecho extraído do cordel “A Santana antigamente não era como é agora”, de autoria de seu Bula)

De fato, o sítio Santana agora está inserido na dinâmica do agronegócio. E isso significa que aquilo que se produz na comunidade não mais atende as necessidades locais, mas a demanda externa, alheia ao lugar. Significa também um conjunto de impactos: a) aumento substancial de trabalhadores assalariados; b) clara diminuição das culturas de subsistência devido à expansão da produção de banana; c) aumento da concentração fundiária; d) exploração dos recursos hídricos, mais precisamente do lençol freático, muitas vezes sem outorga e fiscalização da prefeitura; e) contaminação do solo pelo uso excessivo de agrotóxicos; f) poluição atmosférica, afetando o ecossistema, inclusive a população de abelhas da região devido o uso de agrotóxicos.

Referências

ACSELRAD, H. Introdução. In: ACSELRAD, H. (Org.). **Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2010, v. 2, p. 5-7.

ACSELRAD, H.; VIÉGAS, R. N. Cartografias sociais e território: um diálogo latino-americano. In: Henri Acselrad. (Org.). **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2013, p. 15-40.

BESERRA, F. R. S. **Espaço, indústria e reestruturação do capital**: a indústria de calçados na região do Cariri-CE. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

BESSE, J. M. Cartographie et pensée visuelle. Réflexions sur la schématisation graphique. In: LABOULAIS, I. (dir). **Les usages des cartes (XVIIe-XIXe siècle)**. Pour une approche pragmatique des productions cartographiques. Strasbourg: Presses universitaires de Strasbourg, 2008. p. 19-32.

CASTRO, C. L. F. **A (re)produção do espaço pautada nas dinâmicas socioeconômicas do circuito espacial produtivo da banana em Missão Velha - Ceará**. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CRAMPTON, J. W.; KRYGIER, J. Uma introdução à cartografia crítica. In: ACSELRAD, H. (Org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: IPPUR-RJ, 2008, p.85-111.

GONÇALVES, N. de C. **O fogo não está morto**: engenhos de rapadura do Cariri cearense como uma referência cultural na perspectiva das políticas públicas do último quartel do século XX. 2011. 83 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, [S. I.], 2011.

HARLEY, J. B. **La nueva naturaleza de los mapas**. Ensayos sobre la historia de la cartografía. Distrito Federal: Fondo de Cultura Económica, 2005.

HIERNAUX-NICOLAS, D. Cartografía participativa, cartografía social. In: TRIGAL, L. L. (director). **Diccionario de geografía aplicada y profesional**: terminología de análisis, planificación y gestión del territorio. España: Universidad de León, 2015, p. 81-82.

HOLLMAN, V.; FONSECA, F. P. A potência da arte para pensar o espaço: um ensaio sobre a abordagem de mapas artísticos. In: LENCIONI, S.; ZUSMAN, P. (Org.). **Processos territoriais contemporâneos Argentina e Brasil**: Ideias em circulação. 1ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2018, p. 163-182.

IRFFI, A. S. C.; REIS, A. I. R. P. C. O Cariri visto de baixo. **Oficina do Historiador**, v. 13, p. 1-13, 2020.

KITCHIN, R.; GLEESON, J.; DODGE, M. Unfolding mapping practices: A new epistemology for cartography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, vol. 38, nº. 3, p. 480-496, 2013.

KITCHIN, R.; PERKINS, C.; DODGE, M. Thinking about maps. In: DODGE, KITCHIN e PERKINS (Ed.). **Rethinking Maps**. Oxford: Routledge Studies in Human Geography, 2009, p. 1-25.

LATOURET, B. Os anjos não produzem bons instrumentos científicos. **Debates do NER** (UFRGS, Online), v. 2, p. 11-42, 2016

LÉVY, J. Uma virada cartográfica? In: ACSELRAD, Henri (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2008. p. 153-167.

MENEZES, E. O. de. O Cariri cearense. In: SILVA, J. B. da (org.) et al. **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2º ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

PARKER, B. Constructing community through maps? Power and praxis in community mapping. **Professional Geographer**, v.58, n.4, p.470-484, 2006.

PEREIRA, C. E. G. **Narrativas cartográficas sobre o agroextrativismo do babaçu em Arajara, Barbalha (CE)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SEEMANN, J. Carto-crônicas. **Uma viagem pelo mundo da cartografia**. 2ª ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SOUSA, M. S. Ceará: bases de fixação do povoamento e o crescimento das cidades. In: SILVA, J. B. da (org.) et al. **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2º ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

WOOD, D. **Rethinking the power of maps**. Nova Iorque: The Guilford Press, 2010.